

Futebol e política: uma análise do imaginário de coletivos de torcedores de esquerda sobre o fascismo

Fútbol y política: un análisis del imaginario de colectivo de hinchas de izquierda sobre el fascismo

Football and politics: an analysis of the imaginary of left-wing football fan collectives about fascism

Felipe Tavares Paes Lopes

Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas - FEF-UNICAMP.

Contato: lopesftp@gmail.com

Submetido: 28.10.2022 | Aprovado: 29.03.2023



Creative Commons



Atribuição



Não Comercial



Compartilhe Igual



Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender como o fenômeno do fascismo é discursivamente construído por coletivos de torcedores de esquerda do Corinthians, Palmeiras e São Paulo. Para alcançar esse objetivo, realizei duas entrevistas em grupo e duas individuais com esses torcedores. Ao analisar essas entrevistas, argumentei, entre outras coisas, que, na formulação dos discursos sobre o fascismo, muitos dos entrevistados adotam uma perspectiva iluminista crítica, retomando a crença na razão como instrumento civilizatório. Também argumentei que parte deles compreende que a luta contra o fascismo deve se dar no campo do diálogo.

Palavras-chave: futebol; política; fascismo; imaginário; coletivo de torcedores.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo comprender cómo el fenómeno del fascismo es construido discursivamente por colectivos de hinchas de izquierda de Corinthians, Palmeiras y São Paulo. Para lograr este objetivo, realicé dos entrevistas grupales y dos individuales con estos hinchas. Al analizar estas entrevistas, sostuve, entre otras cosas, que, en la formulación de los discursos sobre el fascismo, muchos de los entrevistados adoptan una perspectiva ilustrada crítica, retomando la creencia en la razón como instrumento civilizador. También argumenté que algunos de ellos entienden que la lucha contra el fascismo debe darse en el campo del diálogo.

Palabras clave: fútbol; política; fascismo; imaginario; colectivo de hinchas.

Abstract

This article aims to understand how the phenomenon of fascism is discursively constructed by collectives of left-wing fans of Corinthians, Palmeiras and São Paulo. To achieve this goal, I conducted two group and two individual interviews with these fans. In analyzing these interviews, I argued, among other things, that, in the formulation of discourses on fascism, many of the interviewees adopt a critical Enlightenment perspective, returning to the belief in reason as a civilizing instrument. I also argued that part of them understands that the fight against fascism must take place in the field of dialogue.

Keywords: football; policy; fascism; imaginary; collective of football fans.

1 Agradeço à Fapesp pelo auxílio à pesquisa que permitiu o desenvolvimento deste trabalho.

2 A partir daqui, a fim de aliviar o corpo do texto, abandonarei a fórmula “o(a)” e adotarei o genérico masculino.

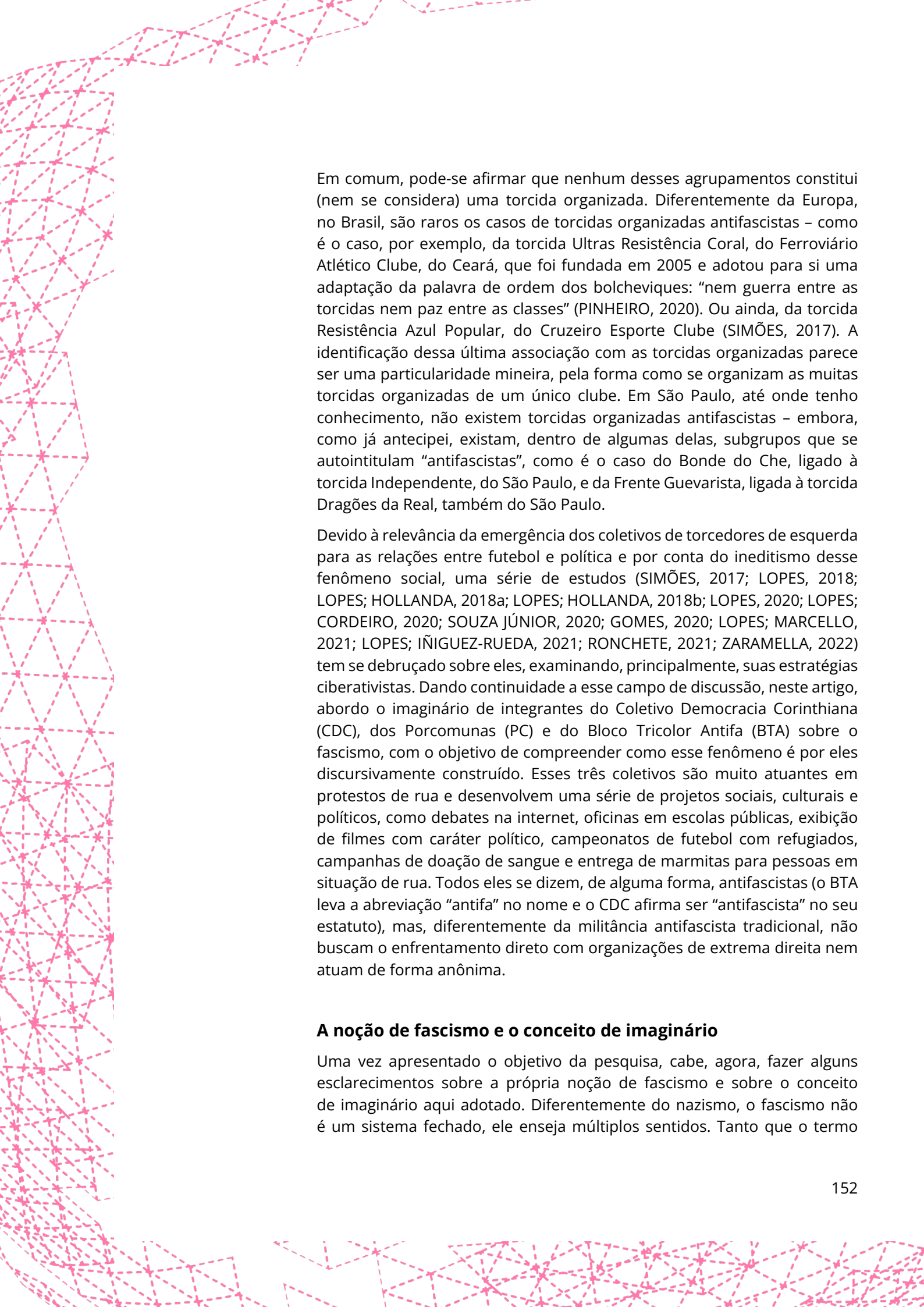
3 Propositamente, tomada aqui em um sentido amplo, a fim de agrupar uma ampla diversidade de tendências e tradições de luta contra as diferentes formas de desigualdades e a favor das classes e dos segmentos oprimidos.

Introdução¹

Este artigo apresenta os resultados parciais de uma pesquisa sobre resistência e ativismo torcedor no contexto da cidade de São Paulo, que se debruça sobre coletivos de torcedores(as)² de esquerda³ do chamado “trio de ferro”, ou seja, Corinthians, São Paulo e Palmeiras. No Brasil, os coletivos de torcedores de esquerda são um fenômeno relativamente recente, emergindo em um momento de forte mobilização coletiva, com os protestos contra e a favor do *impeachment* de Dilma Rousseff, concretizado em 2016. Naquele momento, o Brasil também recebia megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo de Futebol Masculino de 2014, quando diversos estádios (ou “arenas”, como costumam ser chamados) foram construídos ou remodelados, a fim de atenderem ao chamado “padrão FIFA” – o que intensificou o processo de elitização do espetáculo futebolístico no Brasil, além de contribuir para a ampliação dos mecanismos de controle panóptico dos torcedores (LOPES, HOLLANDA, 2018a).

Além desses eventos, o desenvolvimento de novas formas de comunicação móveis e em rede foi importante para a emergência desses coletivos. Afinal, conforme Di Felice (2013), desde os anos 1990, a internet vem dando suporte a movimentos globais e locais, impactando as formas de ação social e contribuindo para reformular os conceitos de participação, espaço democrático, identidade coletiva e estratégia política. Também não podemos perder de vista a formação e mobilização de novos coletivos de jovens autonomistas a partir dos anos 2010. Herdeiros dos movimentos antiglobalização dos anos 1990 e 2000, esses coletivos possuem linguagens, performances e repertórios distintos dos movimentos sociais tradicionais e adotam uma postura crítica frente às formas tradicionais de se fazer política (GOHN, 2018).

Frequentemente rotulados pela imprensa e pela literatura acadêmica de “torcidas antifascistas”, os coletivos de torcedores de esquerda formam, na verdade, um universo multifacetado e heterogêneo, que abriga grupos com diferentes objetivos, formas de organização e modos de operação. Há aqueles que restringem sua esfera de ação ao universo on-line; há aqueles que organizam e participam, de modo sistemático e em grau significativo, de passeatas, marchas e protestos de rua; há aqueles que se autointitulam “antifas” e que fazem parte da “subcultura antifascista” – optando, em alguns momentos, pelo enfrentando direto com organizações e indivíduos de extrema direita; há aqueles que privilegiam pautas ligadas à política interna do clube; há aqueles que focalizam as agendas de lutas das “minorias”; há aqueles que estão ligados diretamente a uma torcida organizada ou agregam integrantes de organizadas de um mesmo clube; há aqueles formados por torcedores de esquerda em geral, que muitas vezes se autointitulam antifascistas, mas que não operam nos moldes da militância “antifa” tradicional; enfim, há uma verdadeira multiplicidade de grupos.

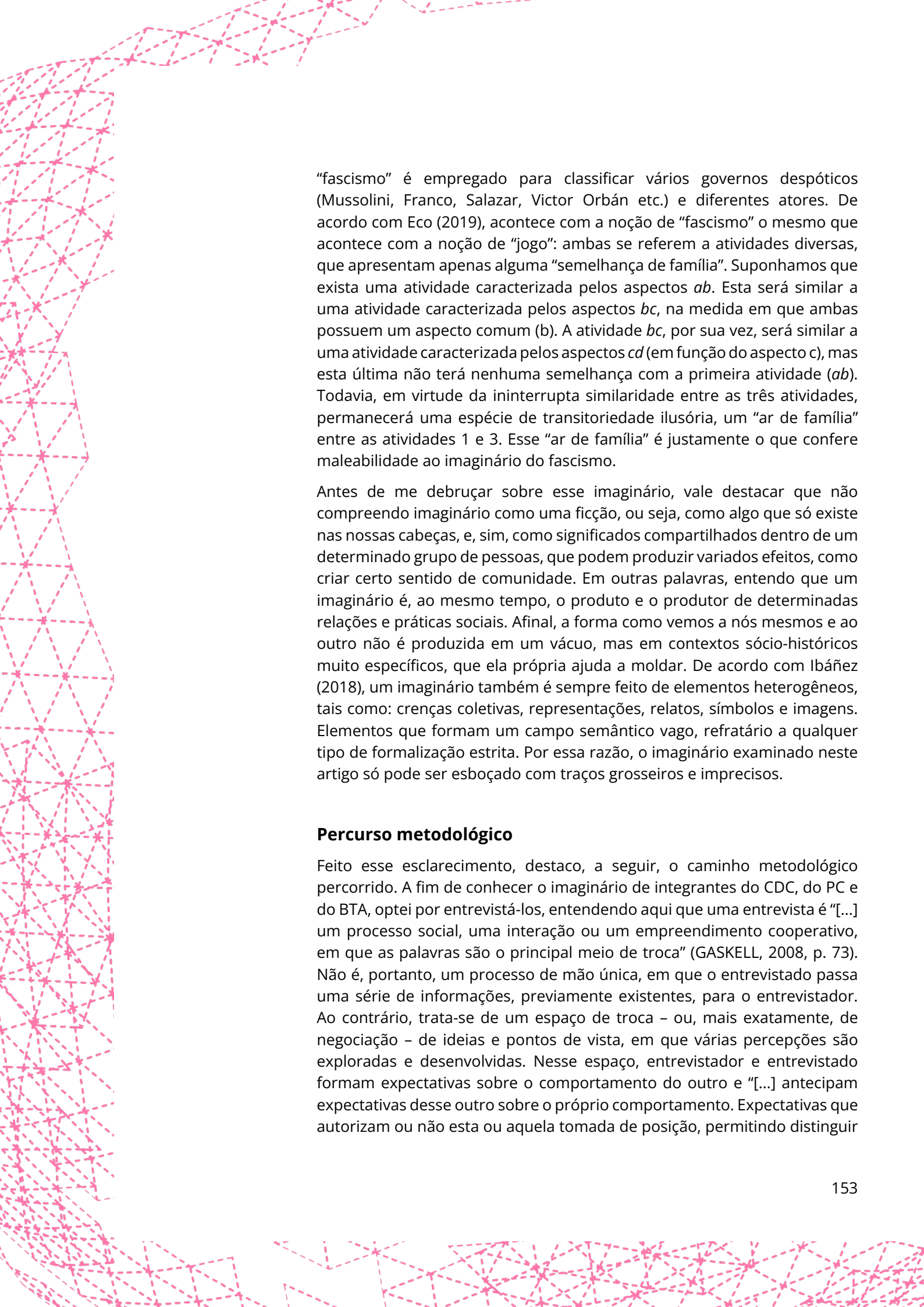


Em comum, pode-se afirmar que nenhum desses agrupamentos constitui (nem se considera) uma torcida organizada. Diferentemente da Europa, no Brasil, são raros os casos de torcidas organizadas antifascistas – como é o caso, por exemplo, da torcida Ultras Resistência Coral, do Ferroviário Atlético Clube, do Ceará, que foi fundada em 2005 e adotou para si uma adaptação da palavra de ordem dos bolcheviques: “nem guerra entre as torcidas nem paz entre as classes” (PINHEIRO, 2020). Ou ainda, da torcida Resistência Azul Popular, do Cruzeiro Esporte Clube (SIMÕES, 2017). A identificação dessa última associação com as torcidas organizadas parece ser uma particularidade mineira, pela forma como se organizam as muitas torcidas organizadas de um único clube. Em São Paulo, até onde tenho conhecimento, não existem torcidas organizadas antifascistas – embora, como já antecipei, existam, dentro de algumas delas, subgrupos que se autointitulam “antifascistas”, como é o caso do Bonde do Che, ligado à torcida Independente, do São Paulo, e da Frente Guevarista, ligada à torcida Dragões da Real, também do São Paulo.

Devido à relevância da emergência dos coletivos de torcedores de esquerda para as relações entre futebol e política e por conta do ineditismo desse fenômeno social, uma série de estudos (SIMÕES, 2017; LOPES, 2018; LOPES; HOLLANDA, 2018a; LOPES; HOLLANDA, 2018b; LOPES, 2020; LOPES; CORDEIRO, 2020; SOUZA JÚNIOR, 2020; GOMES, 2020; LOPES; MARCELLO, 2021; LOPES; IÑIGUEZ-RUEDA, 2021; RONCHETE, 2021; ZARAMELLA, 2022) tem se debruçado sobre eles, examinando, principalmente, suas estratégias ciberativistas. Dando continuidade a esse campo de discussão, neste artigo, abordo o imaginário de integrantes do Coletivo Democracia Corinthiana (CDC), dos Porcomunas (PC) e do Bloco Tricolor Antifa (BTA) sobre o fascismo, com o objetivo de compreender como esse fenômeno é por eles discursivamente construído. Esses três coletivos são muito atuantes em protestos de rua e desenvolvem uma série de projetos sociais, culturais e políticos, como debates na internet, oficinas em escolas públicas, exibição de filmes com caráter político, campeonatos de futebol com refugiados, campanhas de doação de sangue e entrega de marmitas para pessoas em situação de rua. Todos eles se dizem, de alguma forma, antifascistas (o BTA leva a abreviação “antifa” no nome e o CDC afirma ser “antifascista” no seu estatuto), mas, diferentemente da militância antifascista tradicional, não buscam o enfrentamento direto com organizações de extrema direita nem atuam de forma anônima.

A noção de fascismo e o conceito de imaginário

Uma vez apresentado o objetivo da pesquisa, cabe, agora, fazer alguns esclarecimentos sobre a própria noção de fascismo e sobre o conceito de imaginário aqui adotado. Diferentemente do nazismo, o fascismo não é um sistema fechado, ele enseja múltiplos sentidos. Tanto que o termo

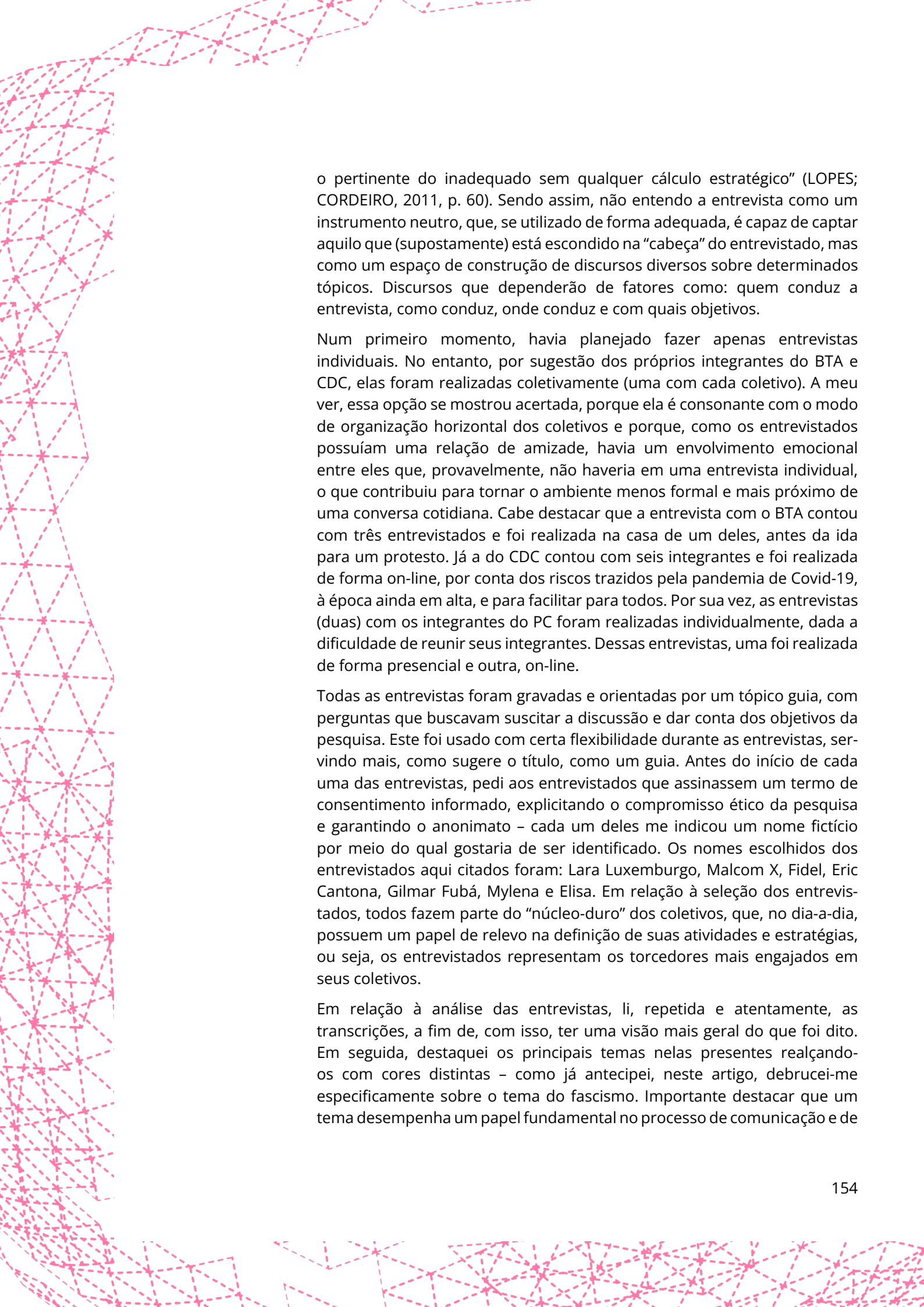


“fascismo” é empregado para classificar vários governos despóticos (Mussolini, Franco, Salazar, Victor Orbán etc.) e diferentes atores. De acordo com Eco (2019), acontece com a noção de “fascismo” o mesmo que acontece com a noção de “jogo”: ambas se referem a atividades diversas, que apresentam apenas alguma “semelhança de família”. Suponhamos que exista uma atividade caracterizada pelos aspectos *ab*. Esta será similar a uma atividade caracterizada pelos aspectos *bc*, na medida em que ambas possuem um aspecto comum (*b*). A atividade *bc*, por sua vez, será similar a uma atividade caracterizada pelos aspectos *cd* (em função do aspecto *c*), mas esta última não terá nenhuma semelhança com a primeira atividade (*ab*). Todavia, em virtude da ininterrupta similaridade entre as três atividades, permanecerá uma espécie de transitoriedade ilusória, um “ar de família” entre as atividades 1 e 3. Esse “ar de família” é justamente o que confere maleabilidade ao imaginário do fascismo.

Antes de me debruçar sobre esse imaginário, vale destacar que não compreendo imaginário como uma ficção, ou seja, como algo que só existe nas nossas cabeças, e, sim, como significados compartilhados dentro de um determinado grupo de pessoas, que podem produzir variados efeitos, como criar certo sentido de comunidade. Em outras palavras, entendo que um imaginário é, ao mesmo tempo, o produto e o produtor de determinadas relações e práticas sociais. Afinal, a forma como vemos a nós mesmos e ao outro não é produzida em um vácuo, mas em contextos sócio-históricos muito específicos, que ela própria ajuda a moldar. De acordo com Ibáñez (2018), um imaginário também é sempre feito de elementos heterogêneos, tais como: crenças coletivas, representações, relatos, símbolos e imagens. Elementos que formam um campo semântico vago, refratário a qualquer tipo de formalização estrita. Por essa razão, o imaginário examinado neste artigo só pode ser esboçado com traços grosseiros e imprecisos.

Percurso metodológico

Feito esse esclarecimento, destaco, a seguir, o caminho metodológico percorrido. A fim de conhecer o imaginário de integrantes do CDC, do PC e do BTA, optei por entrevistá-los, entendendo aqui que uma entrevista é “[...] um processo social, uma interação ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o principal meio de troca” (GASKELL, 2008, p. 73). Não é, portanto, um processo de mão única, em que o entrevistado passa uma série de informações, previamente existentes, para o entrevistador. Ao contrário, trata-se de um espaço de troca – ou, mais exatamente, de negociação – de ideias e pontos de vista, em que várias percepções são exploradas e desenvolvidas. Nesse espaço, entrevistador e entrevistado formam expectativas sobre o comportamento do outro e “[...] antecipam expectativas desse outro sobre o próprio comportamento. Expectativas que autorizam ou não esta ou aquela tomada de posição, permitindo distinguir

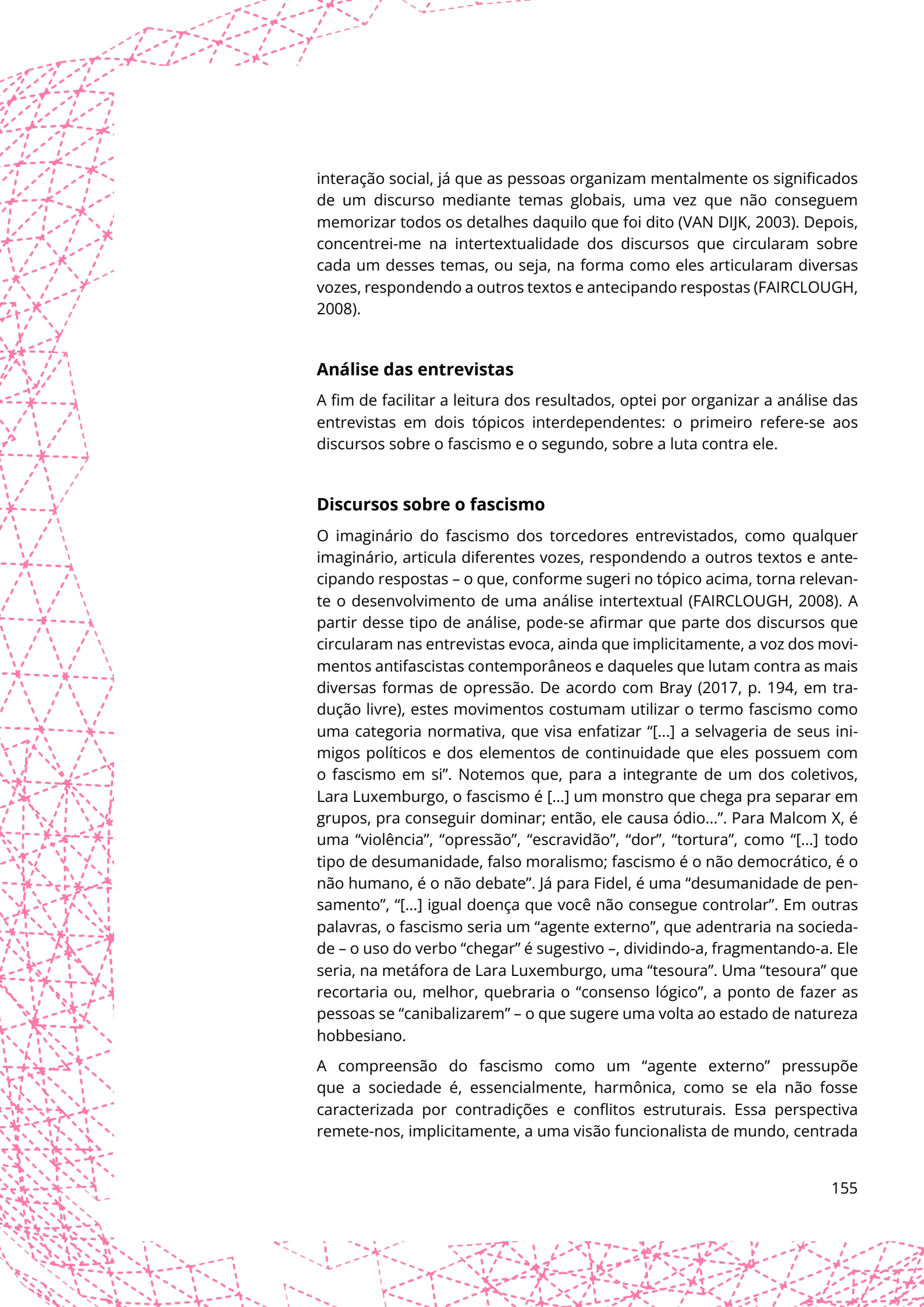


o pertinente do inadequado sem qualquer cálculo estratégico” (LOPES; CORDEIRO, 2011, p. 60). Sendo assim, não entendo a entrevista como um instrumento neutro, que, se utilizado de forma adequada, é capaz de captar aquilo que (supostamente) está escondido na “cabeça” do entrevistado, mas como um espaço de construção de discursos diversos sobre determinados tópicos. Discursos que dependerão de fatores como: quem conduz a entrevista, como conduz, onde conduz e com quais objetivos.

Num primeiro momento, havia planejado fazer apenas entrevistas individuais. No entanto, por sugestão dos próprios integrantes do BTA e CDC, elas foram realizadas coletivamente (uma com cada coletivo). A meu ver, essa opção se mostrou acertada, porque ela é consonante com o modo de organização horizontal dos coletivos e porque, como os entrevistados possuíam uma relação de amizade, havia um envolvimento emocional entre eles que, provavelmente, não haveria em uma entrevista individual, o que contribuiu para tornar o ambiente menos formal e mais próximo de uma conversa cotidiana. Cabe destacar que a entrevista com o BTA contou com três entrevistados e foi realizada na casa de um deles, antes da ida para um protesto. Já a do CDC contou com seis integrantes e foi realizada de forma on-line, por conta dos riscos trazidos pela pandemia de Covid-19, à época ainda em alta, e para facilitar para todos. Por sua vez, as entrevistas (duas) com os integrantes do PC foram realizadas individualmente, dada a dificuldade de reunir seus integrantes. Dessas entrevistas, uma foi realizada de forma presencial e outra, on-line.

Todas as entrevistas foram gravadas e orientadas por um tópico guia, com perguntas que buscavam suscitar a discussão e dar conta dos objetivos da pesquisa. Este foi usado com certa flexibilidade durante as entrevistas, servindo mais, como sugere o título, como um guia. Antes do início de cada uma das entrevistas, pedi aos entrevistados que assinassem um termo de consentimento informado, explicitando o compromisso ético da pesquisa e garantindo o anonimato – cada um deles me indicou um nome fictício por meio do qual gostaria de ser identificado. Os nomes escolhidos dos entrevistados aqui citados foram: Lara Luxemburgo, Malcom X, Fidel, Eric Cantona, Gilmar Fubá, Mylena e Elisa. Em relação à seleção dos entrevistados, todos fazem parte do “núcleo-duro” dos coletivos, que, no dia-a-dia, possuem um papel de relevo na definição de suas atividades e estratégias, ou seja, os entrevistados representam os torcedores mais engajados em seus coletivos.

Em relação à análise das entrevistas, li, repetida e atentamente, as transcrições, a fim de, com isso, ter uma visão mais geral do que foi dito. Em seguida, destaquei os principais temas nelas presentes realçando-os com cores distintas – como já antecipei, neste artigo, debruicei-me especificamente sobre o tema do fascismo. Importante destacar que um tema desempenha um papel fundamental no processo de comunicação e de



interação social, já que as pessoas organizam mentalmente os significados de um discurso mediante temas globais, uma vez que não conseguem memorizar todos os detalhes daquilo que foi dito (VAN DIJK, 2003). Depois, concentrei-me na intertextualidade dos discursos que circularam sobre cada um desses temas, ou seja, na forma como eles articularam diversas vozes, respondendo a outros textos e antecipando respostas (FAIRCLOUGH, 2008).

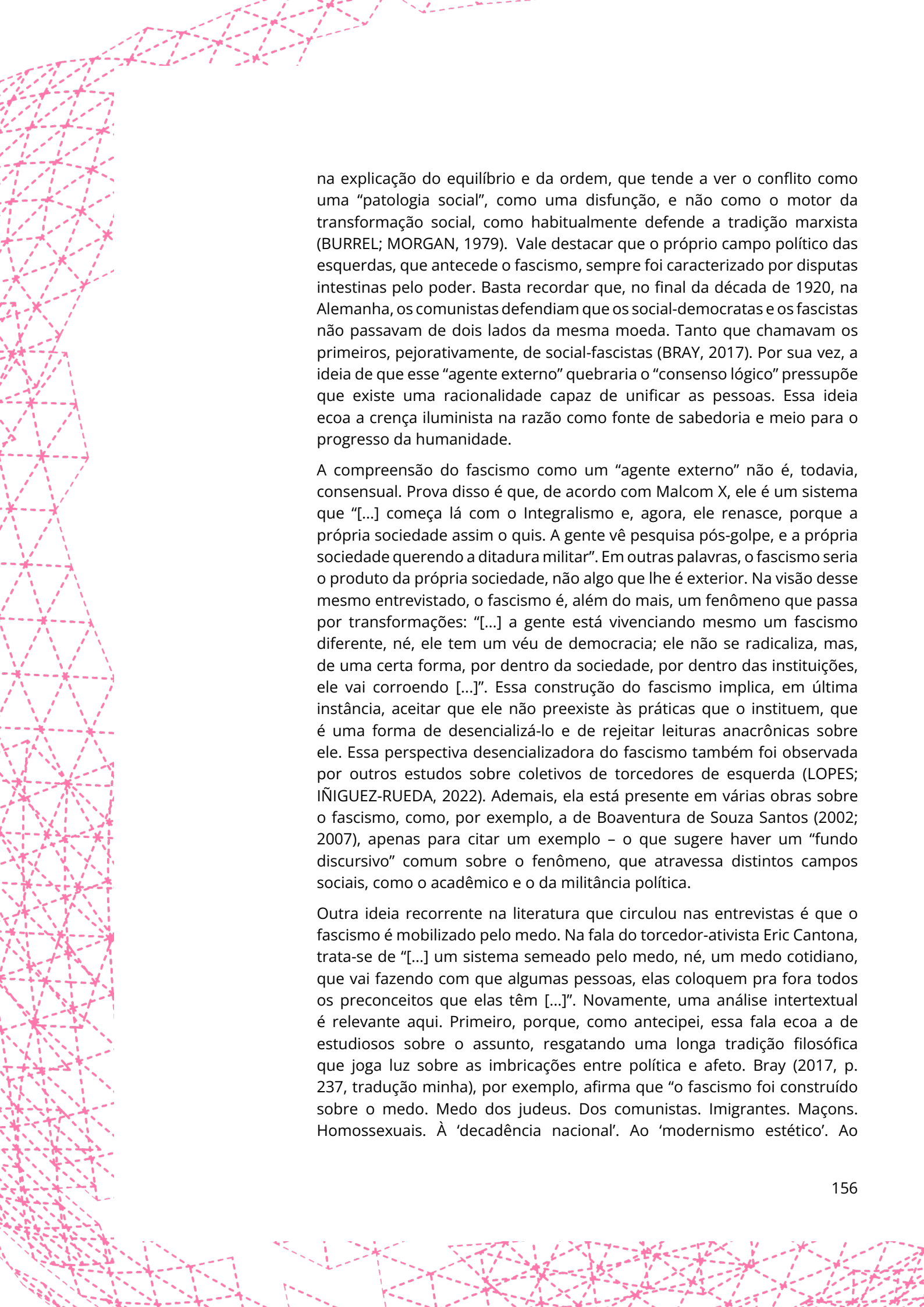
Análise das entrevistas

A fim de facilitar a leitura dos resultados, optei por organizar a análise das entrevistas em dois tópicos interdependentes: o primeiro refere-se aos discursos sobre o fascismo e o segundo, sobre a luta contra ele.

Discursos sobre o fascismo

O imaginário do fascismo dos torcedores entrevistados, como qualquer imaginário, articula diferentes vozes, respondendo a outros textos e antecipando respostas – o que, conforme sugeri no tópico acima, torna relevante o desenvolvimento de uma análise intertextual (FAIRCLOUGH, 2008). A partir desse tipo de análise, pode-se afirmar que parte dos discursos que circularam nas entrevistas evoca, ainda que implicitamente, a voz dos movimentos antifascistas contemporâneos e daqueles que lutam contra as mais diversas formas de opressão. De acordo com Bray (2017, p. 194, em tradução livre), estes movimentos costumam utilizar o termo fascismo como uma categoria normativa, que visa enfatizar “[...] a selvageria de seus inimigos políticos e dos elementos de continuidade que eles possuem com o fascismo em si”. Notemos que, para a integrante de um dos coletivos, Lara Luxemburgo, o fascismo é “[...] um monstro que chega pra separar em grupos, pra conseguir dominar; então, ele causa ódio...”. Para Malcom X, é uma “violência”, “opressão”, “escravidão”, “dor”, “tortura”, como “[...] todo tipo de desumanidade, falso moralismo; fascismo é o não democrático, é o não humano, é o não debate”. Já para Fidel, é uma “desumanidade de pensamento”, “[...] igual doença que você não consegue controlar”. Em outras palavras, o fascismo seria um “agente externo”, que adentraria na sociedade – o uso do verbo “chegar” é sugestivo –, dividindo-a, fragmentando-a. Ele seria, na metáfora de Lara Luxemburgo, uma “tesoura”. Uma “tesoura” que recortaria ou, melhor, quebraria o “consenso lógico”, a ponto de fazer as pessoas se “canibalizarem” – o que sugere uma volta ao estado de natureza hobbesiano.


A compreensão do fascismo como um “agente externo” pressupõe que a sociedade é, essencialmente, harmônica, como se ela não fosse caracterizada por contradições e conflitos estruturais. Essa perspectiva remete-nos, implicitamente, a uma visão funcionalista de mundo, centrada



na explicação do equilíbrio e da ordem, que tende a ver o conflito como uma “patologia social”, como uma disfunção, e não como o motor da transformação social, como habitualmente defende a tradição marxista (BURREL; MORGAN, 1979). Vale destacar que o próprio campo político das esquerdas, que antecede o fascismo, sempre foi caracterizado por disputas intestinas pelo poder. Basta recordar que, no final da década de 1920, na Alemanha, os comunistas defendiam que os social-democratas e os fascistas não passavam de dois lados da mesma moeda. Tanto que chamavam os primeiros, pejorativamente, de social-fascistas (BRAY, 2017). Por sua vez, a ideia de que esse “agente externo” quebraria o “consenso lógico” pressupõe que existe uma racionalidade capaz de unificar as pessoas. Essa ideia ecoa a crença iluminista na razão como fonte de sabedoria e meio para o progresso da humanidade.

A compreensão do fascismo como um “agente externo” não é, todavia, consensual. Prova disso é que, de acordo com Malcom X, ele é um sistema que “[...] começa lá com o Integralismo e, agora, ele renasce, porque a própria sociedade assim o quis. A gente vê pesquisa pós-golpe, e a própria sociedade querendo a ditadura militar”. Em outras palavras, o fascismo seria o produto da própria sociedade, não algo que lhe é exterior. Na visão desse mesmo entrevistado, o fascismo é, além do mais, um fenômeno que passa por transformações: “[...] a gente está vivenciando mesmo um fascismo diferente, né, ele tem um véu de democracia; ele não se radicaliza, mas, de uma certa forma, por dentro da sociedade, por dentro das instituições, ele vai corroendo [...]”. Essa construção do fascismo implica, em última instância, aceitar que ele não preexiste às práticas que o instituem, que é uma forma de desencializá-lo e de rejeitar leituras anacrônicas sobre ele. Essa perspectiva desencializadora do fascismo também foi observada por outros estudos sobre coletivos de torcedores de esquerda (LOPES; IÑIGUEZ-RUEDA, 2022). Ademais, ela está presente em várias obras sobre o fascismo, como, por exemplo, a de Boaventura de Souza Santos (2002; 2007), apenas para citar um exemplo – o que sugere haver um “fundo discursivo” comum sobre o fenômeno, que atravessa distintos campos sociais, como o acadêmico e o da militância política.

Outra ideia recorrente na literatura que circulou nas entrevistas é que o fascismo é mobilizado pelo medo. Na fala do torcedor-ativista Eric Cantona, trata-se de “[...] um sistema semeado pelo medo, né, um medo cotidiano, que vai fazendo com que algumas pessoas, elas coloquem pra fora todos os preconceitos que elas têm [...]”. Novamente, uma análise intertextual é relevante aqui. Primeiro, porque, como antecipei, essa fala ecoa a de estudiosos sobre o assunto, resgatando uma longa tradição filosófica que joga luz sobre as imbricações entre política e afeto. Bray (2017, p. 237, tradução minha), por exemplo, afirma que “o fascismo foi construído sobre o medo. Medo dos judeus. Dos comunistas. Imigrantes. Maçons. Homossexuais. À ‘decadência nacional’. Ao ‘modernismo estético’. Ao



4 Cabe destacar que o autor emprega essa expressão em outro contexto, para categorizar aqueles discursos sobre o futebol que o interpretam a partir da chave da alienação.

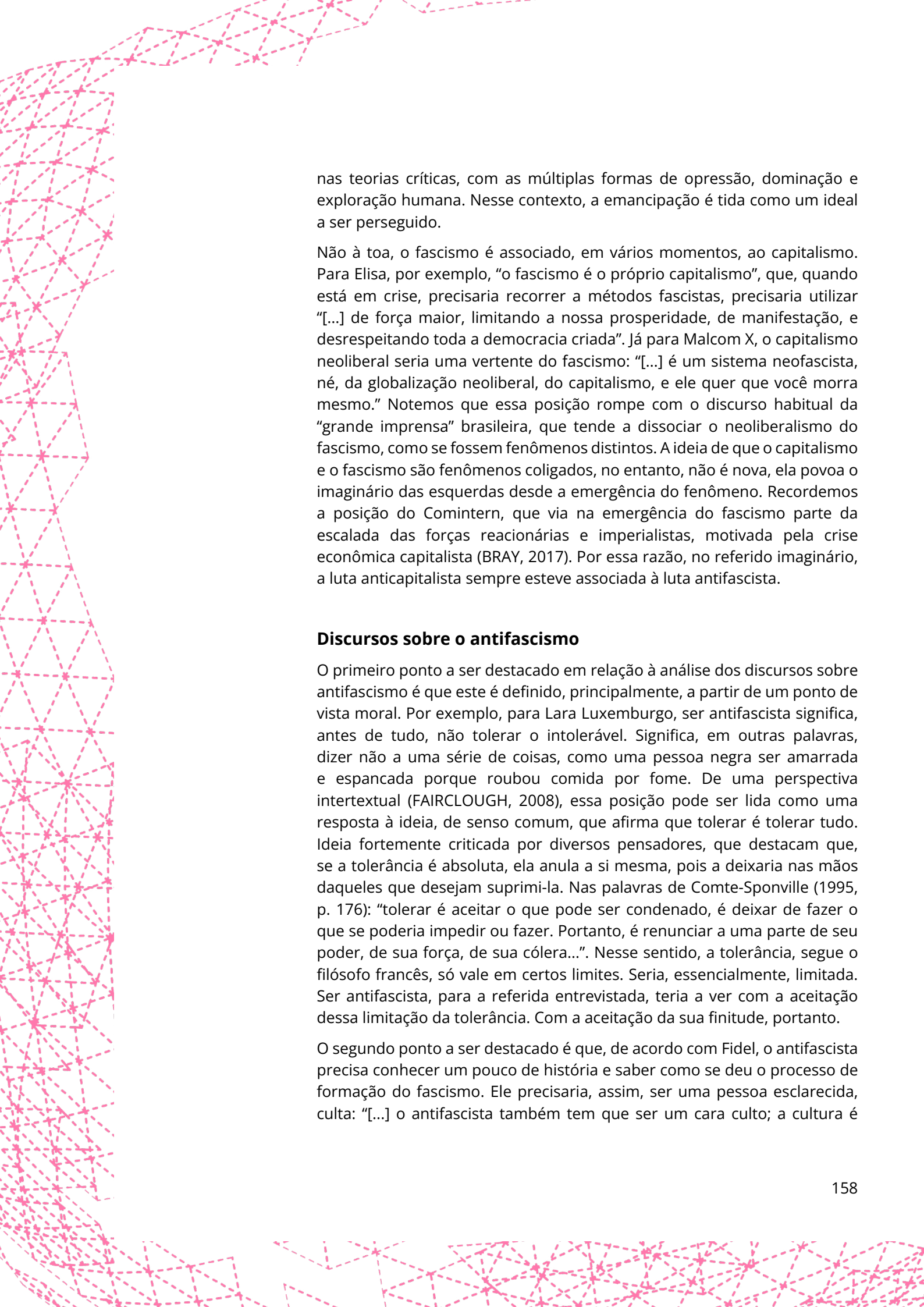
genocídio, e muito mais”. Já Eco (2019) observa que uma das características do fascismo é o apelo às classes médias frustradas, assustadas pela pressão exercida pelos grupos sociais subalternos.

Segundo, porque o medo tem sido historicamente compreendido como um dispositivo da irracionalidade. De acordo com Marilena Chauí (1987), ele é interpretado, por exemplo, por Michel de Montaigne como um “estranho sentimento”, como aquilo nos torna insensatos pondo “asas em nossos pés” quando deveríamos permanecer e “pregando-os ao solo” quando deveríamos fugir. Sendo assim, novamente, a crença iluminista no valor da razão para a civilização parece estar na base da explicação sobre o fascismo. Este seria fomentado pelo seu inverso, ou seja, pela irracionalidade. Mas não só. Conforme argumenta Gilmar Fubá, também seria um dos seus fomentadores: o fascismo é um regime “[...] que incentiva a ignorância, que luta contra a evolução civilizatória, que as pessoas alcancem o conhecimento, uma evolução, uma melhoria na sua qualidade de vida e tal.”

Um aspecto não muito destacado nas entrevistas é o racial. Mylena é uma das poucas que abordam o tema, afirmando que o fascismo defende a supremacia branca. Ao fazer isso, observa que, no Brasil, existem fascistas que foram “[...] vítimas de racismo pelos fascistas europeus” e que não entendem a própria origem do fascismo. Implicitamente, a entrevistada posiciona esses fascistas como ignorantes. Em outras palavras, o fascismo vincular-se-ia, ao menos nesse caso específico, à falta de conhecimento – posicionamento que se aproxima, em certo sentido, com aquele que o associa à falta de racionalidade.

Fidel é outro entrevistado que trata da questão racial: “eu vejo o fascismo como a defesa do branco, da branquitude, o resto não presta, tem que morrer, inclusive; então, é um absurdo um negócio desse”. E, da mesma forma que Mylena, vê a ignorância como um fator explicativo para o fenômeno. Tanto que é incisivo ao culpabilizar a educação: “Por que isso [fascismo]? Por culpa de formação, de educação de base, na escola, ver a história de outra forma.” Além da formação escolar, Fidel responsabiliza a imprensa: “[...] por falta de cultura, de conhecimento, de leitura, e culpa muito da imprensa; a imprensa também devia batalhar mais em cima disso.” Em outras palavras, para o entrevistado, nem a escola nem a imprensa estão cumprindo com seu dever de fornecer informação de qualidade e fomentar a reflexão sobre o fascismo, o que contribuiria para fortalecê-lo.

Diante do exposto, podemos afirmar que, na formulação dos discursos sobre o fascismo, muitos dos entrevistados adotam o que, inspirado nas análises de Hugo Lovisoló (2011), chamarei aqui de perspectiva iluminista crítica do fascismo⁴. Ela é iluminista porque retoma a crença na razão como instrumento civilizatório. Nesse contexto, a irracionalidade é tomada, como antecipei, como o que embrutece, como aquilo está na raiz da barbárie. E é uma perspectiva crítica porque retoma a preocupação, muito presente



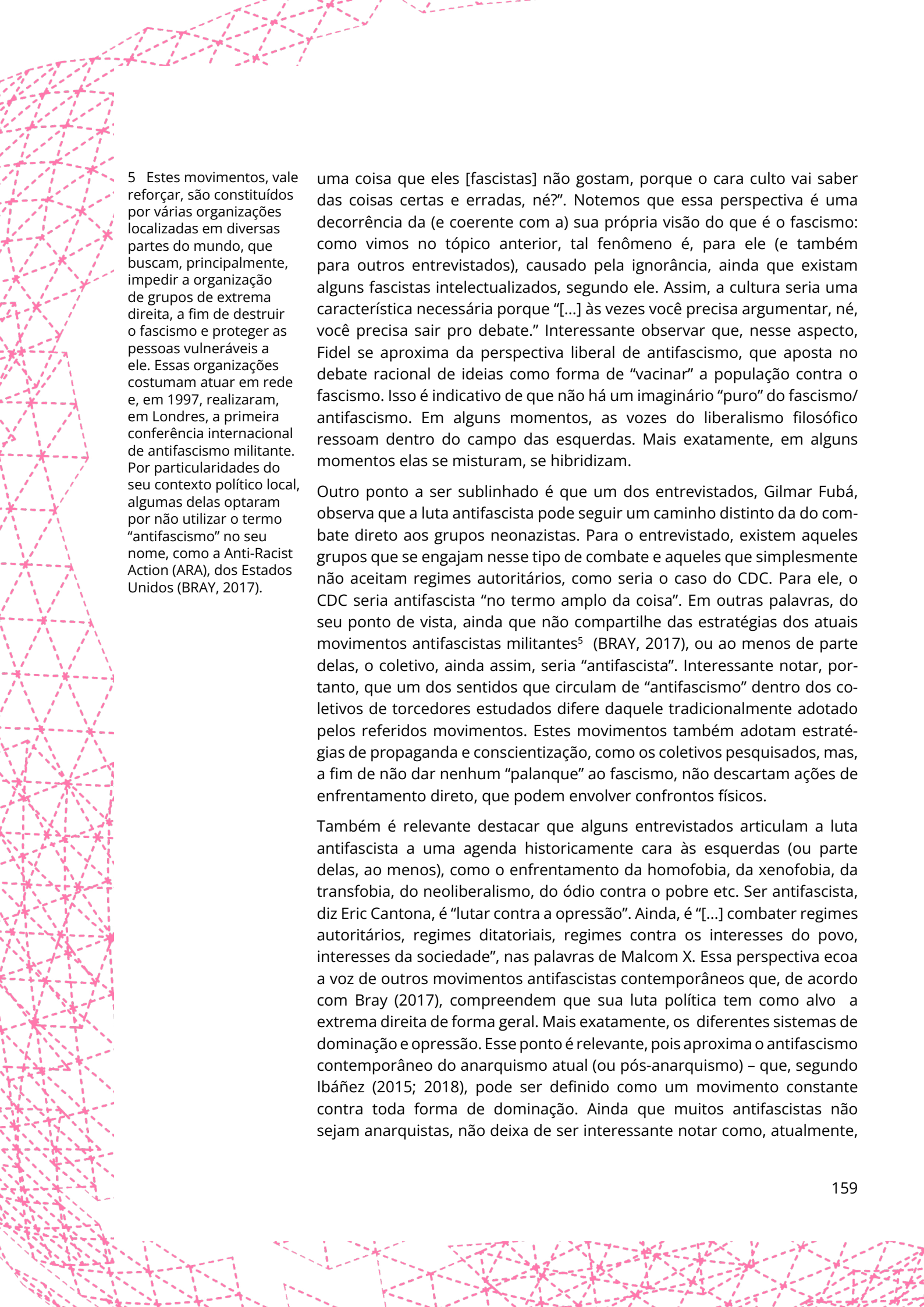
nas teorias críticas, com as múltiplas formas de opressão, dominação e exploração humana. Nesse contexto, a emancipação é tida como um ideal a ser perseguido.

Não à toa, o fascismo é associado, em vários momentos, ao capitalismo. Para Elisa, por exemplo, “o fascismo é o próprio capitalismo”, que, quando está em crise, precisaria recorrer a métodos fascistas, precisaria utilizar “[...] de força maior, limitando a nossa prosperidade, de manifestação, e desrespeitando toda a democracia criada”. Já para Malcom X, o capitalismo neoliberal seria uma vertente do fascismo: “[...] é um sistema neofascista, né, da globalização neoliberal, do capitalismo, e ele quer que você morra mesmo.” Notemos que essa posição rompe com o discurso habitual da “grande imprensa” brasileira, que tende a dissociar o neoliberalismo do fascismo, como se fossem fenômenos distintos. A ideia de que o capitalismo e o fascismo são fenômenos coligados, no entanto, não é nova, ela povoa o imaginário das esquerdas desde a emergência do fenômeno. Recordemos a posição do Comintern, que via na emergência do fascismo parte da escalada das forças reacionárias e imperialistas, motivada pela crise econômica capitalista (BRAY, 2017). Por essa razão, no referido imaginário, a luta anticapitalista sempre esteve associada à luta antifascista.

Discursos sobre o antifascismo

O primeiro ponto a ser destacado em relação à análise dos discursos sobre antifascismo é que este é definido, principalmente, a partir de um ponto de vista moral. Por exemplo, para Lara Luxemburgo, ser antifascista significa, antes de tudo, não tolerar o intolerável. Significa, em outras palavras, dizer não a uma série de coisas, como uma pessoa negra ser amarrada e espancada porque roubou comida por fome. De uma perspectiva intertextual (FAIRCLOUGH, 2008), essa posição pode ser lida como uma resposta à ideia, de senso comum, que afirma que tolerar é tolerar tudo. Ideia fortemente criticada por diversos pensadores, que destacam que, se a tolerância é absoluta, ela anula a si mesma, pois a deixaria nas mãos daqueles que desejam suprimi-la. Nas palavras de Comte-Sponville (1995, p. 176): “tolerar é aceitar o que pode ser condenado, é deixar de fazer o que se poderia impedir ou fazer. Portanto, é renunciar a uma parte de seu poder, de sua força, de sua cólera...”. Nesse sentido, a tolerância, segue o filósofo francês, só vale em certos limites. Seria, essencialmente, limitada. Ser antifascista, para a referida entrevistada, teria a ver com a aceitação dessa limitação da tolerância. Com a aceitação da sua finitude, portanto.

O segundo ponto a ser destacado é que, de acordo com Fidel, o antifascista precisa conhecer um pouco de história e saber como se deu o processo de formação do fascismo. Ele precisaria, assim, ser uma pessoa esclarecida, culta: “[...] o antifascista também tem que ser um cara culto; a cultura é

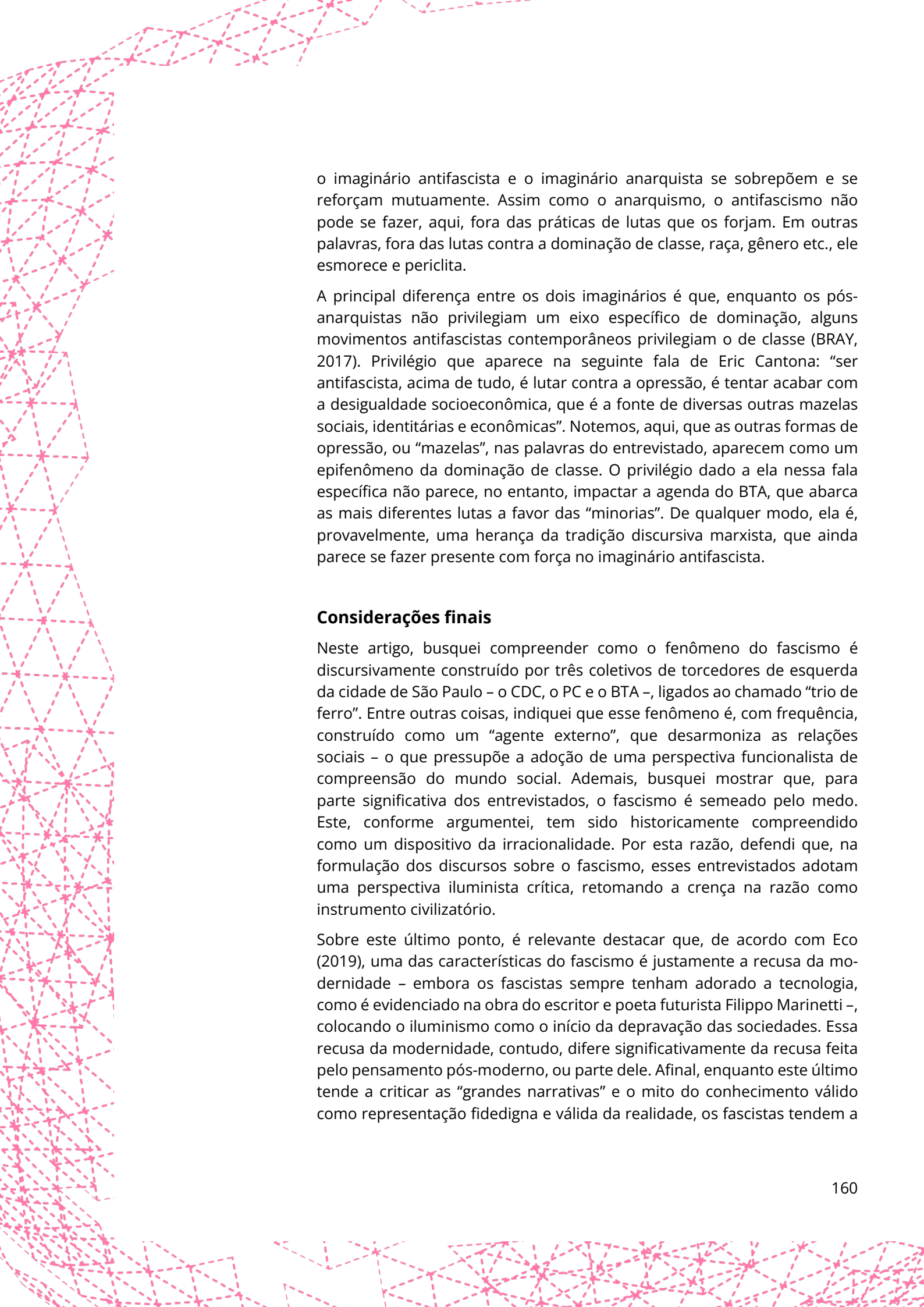


5 Estes movimentos, vale reforçar, são constituídos por várias organizações localizadas em diversas partes do mundo, que buscam, principalmente, impedir a organização de grupos de extrema direita, a fim de destruir o fascismo e proteger as pessoas vulneráveis a ele. Essas organizações costumam atuar em rede e, em 1997, realizaram, em Londres, a primeira conferência internacional de antifascismo militante. Por particularidades do seu contexto político local, algumas delas optaram por não utilizar o termo “antifascismo” no seu nome, como a Anti-Racist Action (ARA), dos Estados Unidos (BRAY, 2017).

uma coisa que eles [fascistas] não gostam, porque o cara culto vai saber das coisas certas e erradas, né?”. Notemos que essa perspectiva é uma decorrência da (e coerente com a) sua própria visão do que é o fascismo: como vimos no tópico anterior, tal fenômeno é, para ele (e também para outros entrevistados), causado pela ignorância, ainda que existam alguns fascistas intelectualizados, segundo ele. Assim, a cultura seria uma característica necessária porque “[...] às vezes você precisa argumentar, né, você precisa sair pro debate.” Interessante observar que, nesse aspecto, Fidel se aproxima da perspectiva liberal de antifascismo, que aposta no debate racional de ideias como forma de “vacinar” a população contra o fascismo. Isso é indicativo de que não há um imaginário “puro” do fascismo/antifascismo. Em alguns momentos, as vozes do liberalismo filosófico ressoam dentro do campo das esquerdas. Mais exatamente, em alguns momentos elas se misturam, se hibridizam.

Outro ponto a ser sublinhado é que um dos entrevistados, Gilmar Fubá, observa que a luta antifascista pode seguir um caminho distinto da do combate direto aos grupos neonazistas. Para o entrevistado, existem aqueles grupos que se engajam nesse tipo de combate e aqueles que simplesmente não aceitam regimes autoritários, como seria o caso do CDC. Para ele, o CDC seria antifascista “no termo amplo da coisa”. Em outras palavras, do seu ponto de vista, ainda que não compartilhe das estratégias dos atuais movimentos antifascistas militantes⁵ (BRAY, 2017), ou ao menos de parte delas, o coletivo, ainda assim, seria “antifascista”. Interessante notar, portanto, que um dos sentidos que circulam de “antifascismo” dentro dos coletivos de torcedores estudados difere daquele tradicionalmente adotado pelos referidos movimentos. Estes movimentos também adotam estratégias de propaganda e conscientização, como os coletivos pesquisados, mas, a fim de não dar nenhum “palanque” ao fascismo, não descartam ações de enfrentamento direto, que podem envolver confrontos físicos.

Também é relevante destacar que alguns entrevistados articulam a luta antifascista a uma agenda historicamente cara às esquerdas (ou parte delas, ao menos), como o enfrentamento da homofobia, da xenofobia, da transfobia, do neoliberalismo, do ódio contra o pobre etc. Ser antifascista, diz Eric Cantona, é “lutar contra a opressão”. Ainda, é “[...] combater regimes autoritários, regimes ditatoriais, regimes contra os interesses do povo, interesses da sociedade”, nas palavras de Malcom X. Essa perspectiva ecoa a voz de outros movimentos antifascistas contemporâneos que, de acordo com Bray (2017), compreendem que sua luta política tem como alvo a extrema direita de forma geral. Mais exatamente, os diferentes sistemas de dominação e opressão. Esse ponto é relevante, pois aproxima o antifascismo contemporâneo do anarquismo atual (ou pós-anarquismo) – que, segundo Ibáñez (2015; 2018), pode ser definido como um movimento constante contra toda forma de dominação. Ainda que muitos antifascistas não sejam anarquistas, não deixa de ser interessante notar como, atualmente,




o imaginário antifascista e o imaginário anarquista se sobrepõem e se reforçam mutuamente. Assim como o anarquismo, o antifascismo não pode se fazer, aqui, fora das práticas de lutas que os forjam. Em outras palavras, fora das lutas contra a dominação de classe, raça, gênero etc., ele esmorece e periclita.

A principal diferença entre os dois imaginários é que, enquanto os pós-anarquistas não privilegiam um eixo específico de dominação, alguns movimentos antifascistas contemporâneos privilegiam o de classe (BRAY, 2017). Privilégio que aparece na seguinte fala de Eric Cantona: “ser antifascista, acima de tudo, é lutar contra a opressão, é tentar acabar com a desigualdade socioeconômica, que é a fonte de diversas outras mazelas sociais, identitárias e econômicas”. Notemos, aqui, que as outras formas de opressão, ou “mazelas”, nas palavras do entrevistado, aparecem como um epifenômeno da dominação de classe. O privilégio dado a ela nessa fala específica não parece, no entanto, impactar a agenda do BTA, que abarca as mais diferentes lutas a favor das “minorias”. De qualquer modo, ela é, provavelmente, uma herança da tradição discursiva marxista, que ainda parece se fazer presente com força no imaginário antifascista.

Considerações finais

Neste artigo, busquei compreender como o fenômeno do fascismo é discursivamente construído por três coletivos de torcedores de esquerda da cidade de São Paulo – o CDC, o PC e o BTA –, ligados ao chamado “trio de ferro”. Entre outras coisas, indiquei que esse fenômeno é, com frequência, construído como um “agente externo”, que desarmoniza as relações sociais – o que pressupõe a adoção de uma perspectiva funcionalista de compreensão do mundo social. Ademais, busquei mostrar que, para parte significativa dos entrevistados, o fascismo é semeado pelo medo. Este, conforme argumentei, tem sido historicamente compreendido como um dispositivo da irracionalidade. Por esta razão, defendi que, na formulação dos discursos sobre o fascismo, esses entrevistados adotam uma perspectiva iluminista crítica, retomando a crença na razão como instrumento civilizatório.

Sobre este último ponto, é relevante destacar que, de acordo com Eco (2019), uma das características do fascismo é justamente a recusa da modernidade – embora os fascistas sempre tenham adorado a tecnologia, como é evidenciado na obra do escritor e poeta futurista Filippo Marinetti –, colocando o iluminismo como o início da depravação das sociedades. Essa recusa da modernidade, contudo, difere significativamente da recusa feita pelo pensamento pós-moderno, ou parte dele. Afinal, enquanto este último tende a criticar as “grandes narrativas” e o mito do conhecimento válido como representação fidedigna e válida da realidade, os fascistas tendem a



recusar a modernidade, em primeiro lugar, porque ela quer fazer avançar o saber e, do ponto de vista fascista, esta “[...] já foi anunciada de uma vez por todas, e só podemos continuar a interpretar sua mensagem obscura (IBÁÑEZ, 2015, p. 45). Ademais, o avanço do saber se daria por meio do conflito de ideias, ou seja, do desacordo – o que pressupõe diversidade, outra noção amplamente rejeitada pelos fascistas em geral.

Em relação aos discursos sobre o antifascismo, observei que, coerente com a perspectiva crítica iluminista, parte dos entrevistados compreende que a luta contra o fascismo deve se dar no campo do diálogo, da troca informada de argumentos racionais. Por essa razão, o antifascista teria de ser culto, como observou um deles. Essa perspectiva é, em certa medida, diferente da do antifascismo militante tradicional, que, desde Auschwitz, desconfia do poder da razão como arma para poder neutralizar as ideias fascistas, embora reconheça que, em algumas ocasiões, ela tenha sido eficiente. Na verdade, o antifascismo militante tradicional tem apostado, intensamente, na luta para silenciar qualquer discurso fascista, buscando tornar sua publicização custosa a ponto de os fascistas não terem outra opção a não ser ocultar seus pontos de vista (BRAY, 2017). Por outro lado, assim como o antifascismo militante tradicional, os coletivos pesquisados entendem que a luta contra o fascismo envolve, de certa forma, a luta anticapitalista, com a diferença que parecem defender um viés de luta mais reformista e institucionalizado. Seja como for, essa constatação é indicativa de que, assim como a categoria fascista, a categoria antifascista está em disputa e é objeto de amplas controvérsias, inclusive dentro do campo das esquerdas.

Referências

BURREL, Gibson; MORGAN, Gareth. **Paradigms and organizational analysis**. London: Heineman, 1979.

BRAY, Mark. **Antifa: el manual antifascista**. Madrid: Capitán Swing, 2018.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). **Topoi**. 2002, p. 354-388. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/Tc5z6M7kSmKbrjzsHqVqgzx/?lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2022.

CHAUÍ, Marilena. Sobre o medo. In: CARDOSO, Sérgio et al. **Os sentidos da paixão**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COMTE-SPONVILLE, André. **Pequeno Tratado das Grandes Virtudes**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DI FELICE, Massimo. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. **Contemporânea: cultura e comunicação**, n. 11, v. 2, p. 267-283, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/8235>. Acesso em: 22 out. 2022.

- ECO, Umberto. **Fascismo eterno**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2019.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2008.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 64-89.
- GOHN, Maria Glória. Jovens na política na atualidade – uma nova cultura de participação. **Caderno CRH**. v. 1, n. 82, p. 117-133, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/jBGbrMwxkJBxvytwVnz9Wcp/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2022.
- GOMES, Vitor. **A militância político-torcedora no campo futebolístico brasileiro**. (Dissertação em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2020.
- IBÁÑEZ, Tomás. **Agitando los anarquismos**: de Mayo del 68 a las revueltas del siglo XXI. Buenos Aires, Libros de Anarres, 2018.
- IBÁÑEZ, Tomás. **Anarquismo é movimento**: anarquismo, neoanarquismo e pós-anarquismo. São Paulo: Intermezzo; Imaginário, 2015.
- JASPER, James J. **Protesto**: uma introdução aos movimentos sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. A luta política do Coletivo Futebol, Mídia e Democracia. **Revista Alterjor**, v. 21, 2020, p. 50-64. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/164917>. Acesso em: 22 out. 2022.
- LOPES, Felipe Tavares Paes. As artimanhas da resistência torcedora: futebol, linguagem e poder. **Logos**, v. 25, 2018, p. 192-207. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/35230>. Acesso em: 22 out. 2022.
- LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Entrevistas individuais e grupos focais: alguns cuidados ético-metodológicos. **Revista Espaço Acadêmico**. n. 23, 2011, p. 58-67. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/12486>. Acesso em: 22 out. 2022.
- LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. Fútbol, política e historia en Brasil: análisis de un manifiesto de hinchas antifascistas. **Quaderns de Psicologia**. v. 22, n. 1, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://www.quadernsdepsicologia.cat/article/view/v22-n3-lopes-prioli>. Acesso em: 22 out. 2022.
- LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de. “Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Tempo**. v. 24, n. 2, p. 206-232, 2018a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/>



[Z86TWNzX98QGC5xMq8JjRh/abstract/?lang=pt](https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnj7THFDBrge/?lang=pt). Acesso em: 22 out. 2022.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Buarque Borges de. “Futebol moderno”: ideologia, sentidos e disputas na apropriação de uma categoria futebolística. **Revista Estudos Brasileños**. v. 5, n. 10, p. 159-175, 2018b. Disponível em: <https://revistas.usal.es/index.php/2386-4540/article/view/reb2018510159175>. Acesso em: 22 out. 2022.

LOPES, Felipe Tavares Paes; INIGUEZ-RUEDA, Lupicínio. Futebol, ativismo e resistência: uma análise (crítica) de discurso de páginas do Facebook de torcidas antifascistas de São Paulo (2019-2020). **Discurso & Sociedad**, v. 16, p. 420-441, 2022. Disponível em: [http://www.dissoc.org/ediciones/v16n02/DS16\(2\)Tavares&Iniguez.html](http://www.dissoc.org/ediciones/v16n02/DS16(2)Tavares&Iniguez.html). Acesso em: 22 out. 2022.

LOPES, Felipe Tavares Paes; MARCELLO, Murilo A. G. Comunicação, futebol e antifascismo: a cobertura jornalística das manifestações políticas de rua de torcedores organizados em 2020. **Logos**, v. 28, 2021, p. 60-74. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/59422>. Acesso em: 22 out. 2022.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Sociologia do esporte (futebol): conversações argumentativas. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo Rodolfo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves (Orgs.). **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011, p. 11-32.

PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. **As ondas que (se) movem (n) o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)**. 2020. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2000.

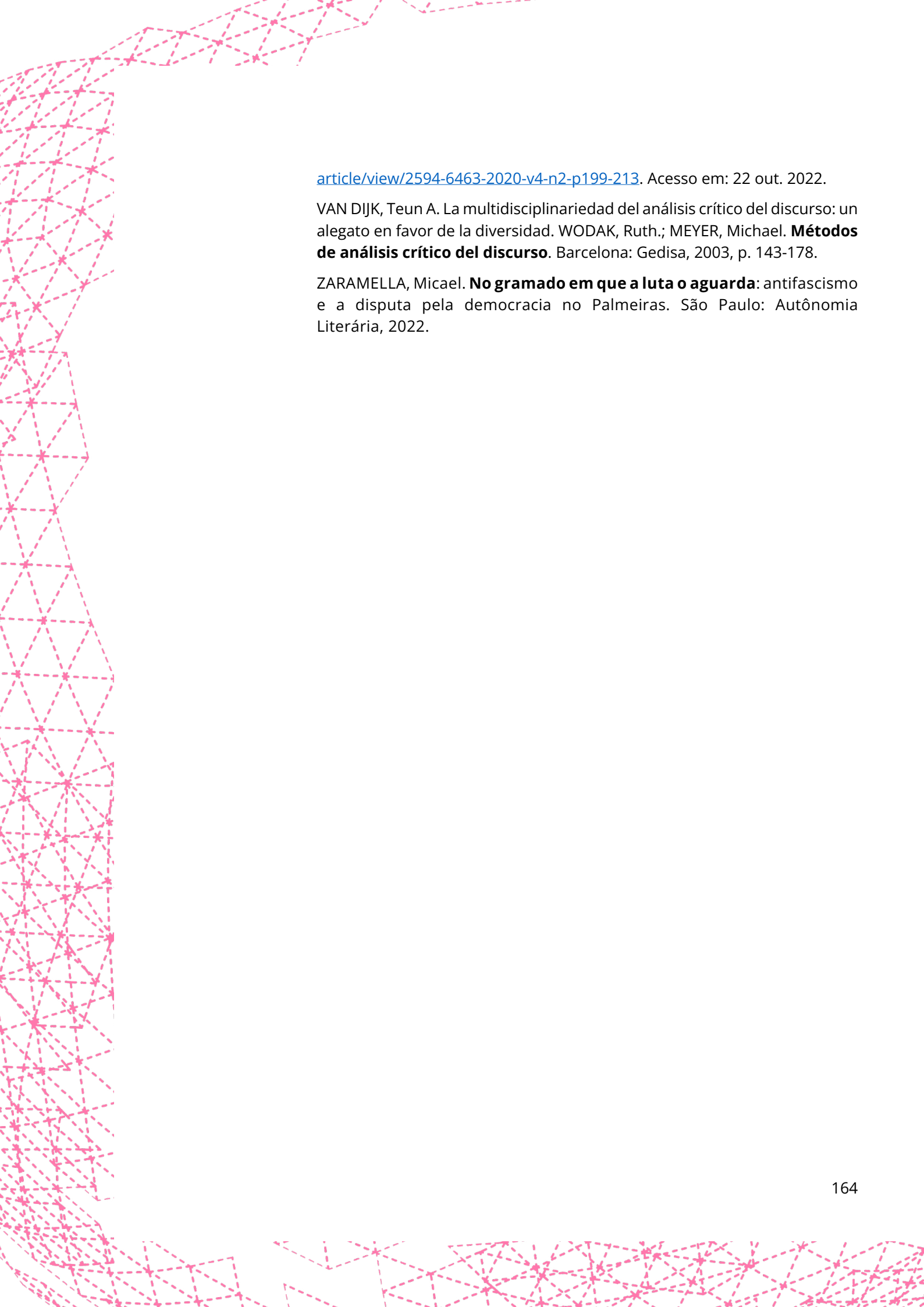
RONCHETE, Nathalia. Ciberativismo das torcidas antifascistas nas eleições de 2018: uma análise quantitativa. **FuLiA-UFMG**. v. 06, n. 01, p. 6-27, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/33221>. Acesso em: 22 out. 2022.

SANTOS, Boaventura Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista crítica de ciências sociais**. n. 78, 2007, p. 3-46. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/ytPjkXXYbTRxnj7THFDBrge/?lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2022.

SANTOS, Boaventura Souza. **Reinventar a democracia**. 2 ed. Lisboa: Fundação Mário Soares, 2002.

SIMÕES, Irlan. **Cientes versus rebeldes: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2017.

SOUZA JÚNIOR, OSMAR Moreira. Futebol e política se misturam: na trincheira das lutas contra o autoritarismo. **Motricidades**. v. 4, n. 2, p. 199-213, 2020. Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/>



[article/view/2594-6463-2020-v4-n2-p199-213](https://doi.org/10.21979/2594-6463-2020-v4-n2-p199-213). Acesso em: 22 out. 2022.

VAN DIJK, Teun A. La multidisciplinarietà del análisis crítico del discurso: un alegato en favor de la diversidad. WODAK, Ruth.; MEYER, Michael. **Métodos de análisis crítico del discurso**. Barcelona: Gedisa, 2003, p. 143-178.

ZARAMELLA, Micael. **No gramado em que a luta o aguarda**: antifascismo e a disputa pela democracia no Palmeiras. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.